
S OB O ENCANTO DE MACKANDAL: UTOPIA, MILENARISMO E REVOLUÇÃO EM *EL REINO DE ESTE MUNDO* DE ALEJO CARPENTIER

Daniel Rocha

Instituto São Tomás de Aquino
Belo Horizonte – MG - Brasil

Os mil anos de felicidade, a terra sem males, o reino da justiça e da igualdade, um lugar e um período onde lobos e cordeiros morarão juntos. Todas essas imagens se relacionam às aspirações em relação a um futuro de felicidade em uma sociedade perfeita, divinamente inspirada ou inspirada pelas ideias corretas. No Ocidente, profundamente marcado pela religiosidade e imaginário judaico-cristão, a crença de que, após a Segunda Vinda de Jesus e seu triunfo sobre as hostes do Anticristo, os cristãos serão “sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos” (Apocalipse 20:6) na Terra, foi alvo de incontáveis interpretações e polêmicas. De maneira geral, crê-se que o Milênio, embora implementado através de uma intervenção divina, seria um prolongamento da história dos homens na Terra tal qual a conhecemos. Seria o capítulo final de nossa história. Essa esperança do advento de um reinado de paz, justiça e prosperidade no futuro deu um alicerce religioso para as aspirações e expectativas dos crentes frente aos conflitos e injustiças do presente. O mal que hoje atua na sociedade e causa tanto sofrimento seria vencido. O reinado de paz e justiça estaria adiante. O Milênio seria a redenção da história. Várias vezes, o anúncio da proximidade do Milênio se tornou o discurso profético de uma minoria, de uma classe oprimida, de um povo perseguido.

Embora o conceito de milenarismo tenha suas raízes ligadas à escatologia cristã, crenças sobre um período futuro de justiça, paz e prosperidade – seja um futuro totalmente novo ou uma reedição de uma era dourada de um passado primordial

– estão presentes em uma grande variedade de religiões. Da mesma forma, as lutas de povos e/ou grupos oprimidos encontram nas tradições religiosas mais diversas o discurso e a força necessários para resistir e dar fim ao domínio dos opressores. Na história da revolução do Haiti, o primeiro país das Américas a tornar-se independente, a participação dos escravos negros na luta contra o fim da opressão e dominação francesa era fortemente influenciada pela religiosidade ligada ao vodu. De acordo com Dalmaso (2014: 88), “as cerimônias religiosas ofereciam um conforto, mas, sobretudo uma comunidade que se estendia bem além da plantação, tendo a religião produzido ‘um espaço de liberdade em um mundo de escravização’ e ‘estabelecido os fundamentos que acabariam por trazer a liberdade aos escravos’ ”.

As expectativas em relação ao advento desse redentor “capítulo final” da história humana vêm inspirando canções, pinturas e diversos ritos ao longo da história. Neste artigo, trabalharemos nas fronteiras entre Literatura, História e estudos da religião. Buscaremos levantar algumas questões relacionadas às crenças milenaristas a partir da análise do livro *El reino de este mundo* (1949) de Alejo Carpentier – obra que se tornou mais conhecida como a inauguradora do chamado realismo maravilhoso na literatura latino-americana. Nessa importante obra – especialmente através das reflexões do personagem Ti Noel – podemos perceber que os projetos sobre a implantação de uma nova ordem das coisas, de um reino de justiça e liberdade plenas, podem tanto alimentar esperanças quanto resultar em terríveis frustrações. Na história do Haiti, as expectativas luminosas quanto às transformações que surgiriam como consequência do processo revolucionário teriam andado lado a lado com decepções advindas da constatação de que, na perspectiva dos oprimidos, as reviravoltas do processo revolucionário só mudaram, na realidade, o látigo de mãos.

Neste texto, inicialmente, tentaremos traçar um breve quadro do contexto histórico e das influências políticas que marcaram a trajetória de Alejo Carpentier até 1948 (quando foi finalizado o texto de *El reino de este mundo*), em especial sua perspectiva anti-imperialista, sua defesa de uma identidade latino-americana e, também, a influência de perspectivas socialistas em seu pensamento. Em seguida, apresentaremos um esboço da narrativa de *El reino de este mundo* e analisaremos como o autor dialoga com a relação entre mito e realidade no texto, a partir de sua proposta de realismo maravilhoso. Na sequência, partindo de uma perspectiva comparativa entre os três processos político-revolucionários apresentados no livro (a rebelião de Mackandal,¹ a monarquia de Henri Christophe e a república dos mulatos) e tendo por referencial a diferenciação entre ideologia e utopia proposta por Karl Mannheim (1976), buscaremos desenvolver a ideia de que o único movimento de fato utópico e revolucionário, a partir da perspectiva do personagem Ti Noel, teria sido o movimento milenarista capitaneado por Mackandal, que, mesmo fracassando, continuou a engravidar de esperanças o espírito dos oprimidos do Haiti. Por fim, retornando à discussão sobre o reino iniciada nesta apresentação, faremos algumas breves reflexões sobre as expectativas e frustrações na história política caribenha e latino-americana.

Carpentier pré-1948: literatura e política

Filho de um arquiteto francês e de uma mãe de origem russa, criado em uma ilha caribenha, na qual conviviam heranças culturais africanas, espanholas e, uma nova influência/ingerência que foi por ele sentida em seus momentos mais intensos, a norte-americana, Alejo Carpentier foi uma figura que vivenciou a pluralidade e a diversidade desde o berço. Viajou pela Europa ainda bem jovem, conheceu a literatura, especialmente a francesa, por intermédio do pai e a música por influência da mãe. Traçar uma biografia pormenorizada de Carpentier não é o objetivo do presente texto². Interessa-nos aqui sim, fazer uma breve exposição do contexto e das influências políticas e intelectuais que marcaram a formação do jovem Alejo, especialmente durante os conturbados anos 1920 em Cuba. Quais ideias e fatos influenciavam o Carpentier que escreveu *El reino de este mundo*?

Carpentier nasceu em 1904, apenas seis anos após o reconhecimento da independência cubana. Toda tensão, polêmicas e aspirações que envolveram o processo de independência de Cuba e os primeiros anos da república cubana ainda reverberavam durante a sua infância e mocidade. O rompimento dos laços com a Espanha aconteceu de forma tardia no caso cubano, comparando-se com as outras colônias espanholas na América. A importância geográfica (destacando-se o estratégico porto de Havana) e econômica (especialmente pela destacada produção açucareira) estão entre as razões do esforço espanhol pela manutenção de sua colônia. O movimento independentista ganhou força a partir de 1868, mas somente em 1898, após a entrada de tropas norte-americanas no conflito, a independência em relação à Espanha foi ratificada. Apesar do papel decisivo dos independentistas cubanos, especialmente os organizados no Partido Revolucionário Cubano (PRC) criado por José Martí, o governo norte-americano ocupou o espaço deixado pelos espanhóis e Cuba converteu-se numa espécie de protetorado dos Estados Unidos. À primeira Constituição cubana foi anexada, em 1901, a Emenda Platt que, basicamente, garantia o direito de intervenção dos norte-americanos em Cuba no caso de os governantes cubanos se posicionarem contra os interesses dos Estados Unidos. A Emenda Platt permaneceu em vigor até 1933. Cuba havia conquistado sua independência, mas não a sua plena soberania³.

Assim, a Cuba da mocidade de Alejo Carpentier experimentava um momento de profundas transformações, de modernização econômica e de intensificação da presença norte-americana na economia, na política e na própria cultura da ilha. Tal conjuntura, de acordo com Fagundes (2008:12), acabou por fornecer “a base para o surgimento de uma geração crítica de caráter nacionalista, (...) que question[ava] a ingerência estadunidense”. Carpentier, com seus 20 anos de idade recém-completados, começava a publicar seus textos na imprensa de Havana e a se envolver nos debates intelectuais e nas controvérsias da política cubana. O jovem Alejo, jornalista e crítico de arte, se inseriu no coração da intelectualidade da ilha do início da década-

da de 1920 e foi profundamente influenciado pelas discussões e temáticas daquela geração. Em 1923, Carpentier se incorpora ao chamado Grupo Minorista, composto por alguns dos mais destacados intelectuais (cientistas sociais, literatos, músicos) da época, entre eles Fernando Ortiz, Rubén Martínez Villena e Amadeo Roldán. Na pauta dos minoristas estava presente o chamado à necessidade de “interação entre a proposta de uma escrita romanesca e sua ação política, associada à mudança dos referenciais de certo academicismo que vigorava em Cuba”. Além disso, destacava-se o “constante apelo por reformulação de questões de base da própria política” (Felippe 2013:69) e o clamor por uma maior união entre os latino-americanos. Dessa forma, os minoristas buscavam se posicionar politicamente e, ao seu modo, anteciparam o intenso engajamento dos intelectuais latino-americanos, especialmente do período posterior à revolução cubana, tão bem retratado no trabalho de Gilman (2003). Na chamada *Declaración Minorista*⁴ (Carpentier foi um dos que assinaram o documento) publicada em maio de 1927, esse grupo de intelectuais tornou públicos seus posicionamentos e bandeiras de luta:

Por la revisión de los valores falsos y gastados.

Por el arte vernáculo y, en general, por el arte nuevo en sus diversas manifestaciones.

Por la introducción y vulgarización en Cuba de las últimas doctrinas, teóricas y prácticas artísticas y científicas.

Por la reforma de la enseñanza pública y contra los corrompidos sistemas de oposición a las cátedras. Por la autonomía universitaria.

Por la independencia económica de Cuba y contra el imperialismo yanqui.

Contra las dictaduras políticas universales, en el mundo, en la América, en Cuba.

Contra los desafueros de la pseudodemocracia, contra la farsa del sufragio y por la participación efectiva del pueblo en el gobierno.

En pro del mejoramiento del agricultor, del colono y del obrero en Cuba.

Por la cordialidad y la unión latinoamericana.

É importante destacar que, para que se compreenda melhor o contexto em que as propostas acima foram publicadas, a atuação dos minoristas se deu durante o período de governo autoritário do general Gerardo Machado (1925-1933). O período da chamada “ditadura machadista” foi marcado por um estreito alinhamento entre o governo cubano e os interesses norte-americanos, por uma grave instabilidade econômica e social gerada pela queda do preço do açúcar no mercado internacional e por severa repressão aos grupos opositores. As ácidas críticas ao governo de Machado e ao seu alinhamento com os interesses dos Estados Unidos refletiam um clima de agitação no qual organizações de esquerda como a CNOC – Confederação Nacional Operária de Cuba – e o PCC – Partido Comunista Cubano -, fundados em 1925,

também defendiam as bandeiras da autonomia cubana e do anti-imperialismo. O Caribe, já que o movimento contra a ingerência norte-americana podia ser observado em outros países como, por exemplo, o Haiti, deveria se tornar um polo de oposição aos projetos imperialistas. Nesse período, o pensamento de José Martí ganhava novo fôlego e influenciava uma nova legião de defensores da autonomia de *nuestra América*, entre eles Alejo Carpentier.

Outras duas importantes questões também passaram a marcar o pensamento do nosso autor nesse período e são fundamentais para compreender alguns elementos de *El reino de este mundo*: a influência do socialismo e a valorização da cultura negra. Com o advento da revolução russa de 1917, o socialismo tornou-se assunto de pauta da política internacional e, como não poderia deixar de ser, da América Latina. Também marcante na formação política de Carpentier foi sua viagem ao México em 1926, onde manteve contato com Diego Rivera e com José Clemente Orozco, contato esse que reforçou sua noção a respeito do papel revolucionário da arte e sobre suas convicções socialistas. Carecemos de mais fontes para afirmar peremptoriamente a adesão de Carpentier aos valores marxistas nesse período. Entretanto, pelo menos a “pecha” de comunista lhe valeu a perseguição política pela ditadura machadista e sua consequente prisão por 40 dias em 1927, em um período durante o qual vários outros minoristas foram presos ou exilados sob o mesmo pretexto.

O interesse de Carpentier pela cultura africana sempre foi acompanhado de um intenso teor de denúncia da opressão que o povo negro caribenho tinha sido vítima ao longo da história. Cultura negra e revolução serão dois temas que, como veremos adiante, marcarão o texto de *El reino de este mundo*. De acordo com Echevarría (1985:21-22), a busca de novas formas artísticas e o ativismo político “llevaron a Carpentier y a sus compañeros a buscar en el negro una fuente autóctona de energía artística y política”. O espírito rebelde e inovador dos jovens cubanos poderia buscar inspiração nos negros que, baseados em sua fé religiosa, haviam sobrevivido a todos os horrores da escravidão. Durante seus dias na prisão, Carpentier começou a escrever seu primeiro romance, *Écue-Yamba-Ó* (que viria a ser lançado somente em 1933 por uma editora espanhola), que tinha por tema principal a cultura africana, especialmente a religiosidade, e a vida e história dos negros em Cuba.

Além de sua atuação no contexto cubano, é essencial, para se entender as referências do Alejo Carpentier que escreveu *El reino de este mundo*, levar em conta suas passagens e viagens no exterior e as redes de intelectuais com os quais o autor interagiu. Grande parte de sua vida, em diferentes períodos e por razões diversas, foi vivida fora da ilha: França, Espanha, Haiti, México, Nova York e Venezuela. Em suas viagens adquiriu “experiências válidas para a efetiva construção da maioria de suas obras e, principalmente, a formação de um espírito reconstrutor da história da humanidade americana” (Melo 2010:94). Essencial em sua trajetória foi sua vivência em Paris. “Na capital francesa, o escritor cubano estudou arquitetura, música e história da música. Lá passou nada menos que onze anos, de 1928 a 1939, embora não volun-

tariamente”⁵ (Vieira 2014:108). Na França, por intermédio do poeta Robert Desnos, Carpentier se associou ao grupo surrealista e entrou em contato com a efervescência cultural e artística daquele período⁶. Entretanto, apesar da distância que o separava de Cuba, foi na Europa que Carpentier passou a fazer parte de uma rede de intelectuais caribenhos e latino-americanos em geral que compartilhavam, em sua maioria, discursos anticolonialistas e ant imperialistas. Segundo Echevarría (1985:23):

Pero Carpentier no se hizo francés, sino que, por el contrario, luchó con todas sus fuerzas por permanecer cubano. Carpentier se hace hispano-americano en Paris. El Paris de finales de los años 20 y primeros de los 30 era, como lo ha sido intermitentemente desde el siglo XIX, la capital artística e intelectual de Hispanoamérica. (...) Carpentier se hizo amigo em Paris del guatemalteco Miguel Ángel Asturias, del venezolano Artur Uslar Pietri, del chileno Neruda; también llevo a conocer mejor a poetas y pintores cubanos como Nicolás Guillén y Wifredo Lam.

Devido às limitações da proposta deste texto, não nos alongaremos mais nessa análise da formação política e artística de Carpentier. Partindo de nossa rápida panorâmica podemos elencar, a título de síntese, algumas características principais do pensamento político-social do Carpentier pré-1948: 1) Combate intransigente ao imperialismo e ao neocolonialismo das potências estrangeiras, em especial dos Estados Unidos; 2) defesa de uma identidade, um pensamento e uma arte autenticamente latino-americanas; 3) consciência da necessidade de engajamento político da intelectualidade da América Latina; 4) interesse na discussão da cultura negra e na história dos oprimidos em geral; e 5) a influência das concepções marxistas em suas reflexões.

A obra

Em 1943, Alejo Carpentier realizou uma viagem pelo Haiti e ficou impactado pelas ruínas de Revolução Haitiana, como a Citadelle Laferrière e o palácio de Sans Souci, construções do período do governo do rei Henry Christophe. Ali, como relata no prólogo do livro, o autor encontrou os elementos e a inspiração para contar a história da revolução sob uma perspectiva que mesclava literatura, história e mito. Em *El reino de este mundo*, Alejo Carpentier nos apresenta uma narrativa das agitações revolucionárias que movimentaram a vida do Haiti na segunda metade do século XVIII e no início do XIX. Protagonizado pelo negro Ti Noel – escravo de Monsieur Lenormand de Mezy, que vivenciou todas as fases do período revolucionário tratadas por Carpentier – o livro se divide em quatro partes.

Na primeira parte, temos a apresentação da rebelião liderada pelo escravo Mackandal⁷, o “Senhor do Veneno”, que no início da segunda metade do século XVIII capitaneou um movimento que buscava, através do envenenamento da população

branca, a libertação dos escravos e a instauração de um governo dos negros. Carpentier nos apresenta um Mackandal que realizava vários prodígios, entre eles as suas metamorfoses em várias espécies de animais, e que dotado de tais “poderes pela fé de seus contemporâneos (...) alentou, com essa magia, uma das sublevações mais dramáticas e estranhas da história” (Carpentier 2009:11)⁸. Ele teria sido responsável por envenenar e incentivar outros escravos a praticarem o envenenamento de seus senhores. Essa parte inicial do livro termina com a prisão e posterior execução de Mackandal, execução essa que é apresentada a partir de duas perspectivas por Carpentier: na perspectiva dos negros, crentes nos ensinamentos e nos poderes do mandinga, quando Mackandal estava a ponto de ser queimado vivo, “suas amarras caíram, e o corpo do negro espigou-se no ar, voando por sobre as cabeças, antes de se afundar nas ondas negras da massa de escravos. Um só grito encheu a praça: - *Mackandal sauwé!*”. Entretanto, logo em seguida o autor diz que: “e a tanto chegou o estrépito e a gritaria e o tumulto que muito poucos viram que Mackandal, agarrado por dez soldados, era metido de cabeça no fogo, e que uma chama enchente pelo cabelo aceso afogava seu último grito” (Carpentier 2009: 44-45).

A segunda parte se inicia com as agitações que os reflexos da Revolução Francesa de 1789 provocaram no Haiti (então colônia de São Domingos). “Ti Noel acreditou compreender que algo ocorrera na França e que uns senhores muito influentes haviam declarado que se devia dar liberdade aos negros” (Carpentier 2009:53), mas os proprietários da colônia, ainda leais à monarquia, se recusavam a libertar seus escravos. Ocorre, nesse momento, a rebelião liderada pelo jamaicano Bouckman, que instaurou o caos na ilha, a destruição dos engenhos e a morte de inúmeros brancos, mas que foi, no fim, derrotada e seu líder executado. Mas a ameaça da revolta negra ainda pairava no ar de São Domingos. Nesse período, Lenormand de Mezy se refugia em Santiago de Cuba, levando seus escravos, entre eles Ti Noel.

Também é nessa segunda parte da obra que Carpentier narra o período de Paulina Bonaparte no Caribe, acompanhando seu marido, general Leclerc, que viera para tentar pôr fim às agitações na colônia francesa. Paulina vai do encanto com o exotismo da ilha ao desespero com a doença e posterior morte de Leclerc, vítima do “vômito negro”⁹. Carpentier também fala da entrega de Paulina à prática de rituais mágicos ensinados pelo escravo Solimán com o objetivo de se defender dos males da ilha e de trazer a cura para Leclerc. Após a morte do marido, Paulina parte em direção a Roma e, com sua partida, é assinalado “o ocaso de toda a sensatez na colônia” (Carpentier 2009:77).

A terceira parte tem início com o retorno, alguns anos após os fatos anteriormente relatados, de Ti Noel, agora homem livre, ao Haiti. No seu retorno ficou estupefato ao entrar em contato com o “mundo prodigioso” e cheio de pompa do rei negro Henri Christophe. Mas o que o deixou mais atônito foi o fato de que nesse novo mundo dos negros, imperava “uma escravidão tão abominável quanto a que conhecera na fazenda de Monsieur Lenormand de Mezy. Pior ainda, pois havia

uma infinita miséria em ver-se espancado por um negro, tão negro como os demais, (...) tão igual, tão malnascido, tão marcado a ferro, possivelmente como os demais” (Carpentier 2009:93). O próprio Ti Noel foi feito escravo para trabalhar na obra monumental da Cidadela La Ferrière. Na seção final dessa parte da obra, Carpentier narra o ocaso e o suicídio do rei Henri Christophe que não resiste ao motim que se avizinhava, prenunciado e embalado pelos tambores do vodu – vodu que ele havia negligenciado para se entregar ao catolicismo dos dominadores europeus.

Por fim, a quarta e última parte narra, inicialmente, o exílio da família real de Henri Christophe (sua viúva e suas filhas) em Roma. Lá eram acompanhados por Solimán – o mesmo que havia sido escravo pessoal de Paulina Bonaparte. Solimán, que, num primeiro momento, se sentia extremamente à vontade em Roma, entra em desespero ao contemplar o cadáver de Paulina Bonaparte: “invocando Papá Legba, para que lhe abrisse os caminhos de volta para São Domingos. Restava em suas mãos uma insuportável sensação de pesadelo” (Carpentier 2009:119). No Haiti, Ti Noel – que havia participado do motim contra Henri Christophe – morava agora nas ruínas da antiga casa de Lenormand de Mezy. Sua paz é novamente interrompida com a notícia de que os mulatos republicanos, novos representantes do poder no país, impunham um regime de trabalho obrigatório para os negros. Cansado dessa sucessão de grilhões e de chicotes que apenas mudavam de mãos ao longo dos anos, Ti Noel consegue, assim como Mackandal o fizera anteriormente, se metamorfosear em várias espécies de animais. Mas também entre as sociedades dos animais, Ti Noel não encontrou a paz e a felicidade que buscava e com a qual sonhava desde quando ouvia os discursos e as histórias do velho mandinga. Não suportava mais esse infundável ciclo de escravização do homem por seu semelhante. De volta à forma humana, o livro se encerra com a seguinte reflexão de Ti Noel:

O homem anseia sempre por uma felicidade situada mais além da porção que lhe é outorgada. Mas a grandeza do homem está precisamente em querer melhorar o que ele é. Em impor-se tarefas. No Reino dos Céus, não há grandeza a se conquistar, pois lá tudo é hierarquia estabelecida, incógnita revelada, existir sem fim, impossibilidade de sacrifício, repouso e deleite. Por isso, esgotado pelas penas e pelas tarefas, belo dentro de sua miséria, capaz de amar em meio às pragas, o homem só pode encontrar sua grandeza, sua máxima medida, no Reino deste Mundo (Carpentier 2009:131).

Alejo Carpentier sempre teve uma grande preocupação com o ancoramento de seu trabalho na realidade histórica e, também, cria na função de denúncia que a literatura poderia e deveria ter. Segundo Fagundes (2008:85), na perspectiva de Carpentier, “o romance que se ocupar de denunciar apenas descrevendo situações irreais não cumpre a sua função. A denúncia deve estar presente num contexto real, seja

contemporâneo à produção da obra, seja épico e revelador das origens daquilo que se busca denunciar”. Em *El reino de este mundo*, Carpentier apresenta uma literatura que, em muitos momentos, se confunde com um relato histórico sobre personagens e acontecimentos desse período revolucionário do Haiti.

Carpentier deixa claro seu interesse no trabalho com documentos e fontes históricas na construção do enredo de seus escritos. No prólogo de *El reino de este mundo* ele afirma que “o relato que se vai ler foi estabelecido sobre uma documentação extremamente rigorosa que (...) respeita a verdade histórica de personagens, inclusive secundários, de lugares e até de ruas” (Carpentier 2009:11-12). De fato, em alguns momentos, o romance pode deixar no leitor a impressão de estar se lendo um trabalho historiográfico¹⁰. Talvez possamos falar de Carpentier como uma espécie de literato-historiador ao constatar que, trabalhando com suas fontes históricas, “ele insufla vida no barro que escava dos arquivos. Também julga os mortos. Não pode fazer de outro modo” (Darnton 2005:199). Entretanto, distanciando-se do trabalho cientificamente conduzido do historiador, *El reino de este mundo* não se prende a compromissos com uma organização racional do espaço e do tempo, característica que advém, de acordo com Sosnowski, da crise do paradigma realista que teve lugar a partir dos anos 1940. Tal crise foi suscitada pela “necesidad de hallar algo nuevo, menos maculado por la catástrofe, y capaz de dar cuenta de otro orden (...) En este sentido, innovar será también enfrentarse a otra percepción de lo verosímil” (Sosnowski 1993:398).

El reino de este mundo é um importante marco para o chamado realismo maravilhoso na literatura. Esse gênero literário ganhou visibilidade mundial com o sucesso editorial de *Cem anos de solidão*, do escritor colombiano Gabriel García Marquez, obra que foi um marco da inserção da literatura latino-americana no *mainstream* literário mundial. O livro, publicado originalmente em 1967, rendeu ao seu autor o Prêmio Nobel de Literatura de 1982. A naturalidade com que realidade latino-americana, sonhos, mitos, magia e religião se fundiam na narrativa de Marquez sobre a cidade de Macondo – na qual a chuvas duravam quatro anos, onze meses e dois dias, pessoas levitavam etc. – conquistou a admiração de leitores pelo mundo afora. Era uma forma própria de narrar a realidade latino-americana: apoiada na tradição oral e no resgate da sabedoria popular, sem formalismos ou escrita muito rebuscada e no qual o mágico era narrado tal como o comum e corriqueiro. Mas, antes de Macondo, houve o Haiti revolucionário de Carpentier. Ele deu um passo decisivo nessa proposta de renovação da narrativa no aclamado prólogo de *El reino de este mundo* ao propor sua ideia de real maravilhoso. Tendo sido publicado anteriormente ao próprio livro, “el prólogo también se puede leer en su totalidad como un manifiesto que proclama la teoría de lo real-maravilloso” (Bergh 2006: 491)¹¹.

A característica do “projeto” exposto no prólogo que nos interessa mais diretamente é o resgate da narrativa mítica. Mito aqui entendido como “um tipo de narrativa, muitas vezes transmitido oralmente antes de eventualmente ser consignado por

escrito e que expressa as verdades essenciais de uma sociedade; ele fala dos deuses, das origens do mundo e das razões da organização social, enuncia o fundamento dos costumes e das atividades dos homens” (Schmitt 2014:51). De fato, para aquele que crê, sem o mito, o mundo perde seu sentido. Por outro lado, o mito nada diz a quem não sabe – ou quer – ouvi-lo. Ou, como diria Carpentier em seu prólogo: “Para começar, a sensação do maravilhoso pressupõe uma fé. Os que não acreditam em santos não podem curar-se com milagres de santos” (Carpentier 2009:9).

No mencionado prólogo, Carpentier retoma o colorido mítico como ingrediente fundamental para uma literatura que queira tratar da história latino-americana. Sua história e realidade já são em si fantásticas e maravilhosas. Para Bella Jozef (2005:220), “de acordo com Carpentier, o real americano constitui-se de mito e história, na medida em que o mito não é apenas o produto da fantasia, mas um espaço anexado à realidade cotidiana”. Segundo Chiampi (1980:36), “a intenção evidente é deslocar a busca imaginária do maravilhoso e avançar uma redefinição da sobre-realidade: esta deixa de ser um produto da fantasia (...) para constituir uma região anexada à realidade ordinária e empírica, mas só apreensível por aquele que crê”. O Haiti revolucionário retratado por Carpentier em *El reino de este mundo* é uma busca de recuperar a dimensão mítica da história americana. E não encontramos nessa obra apenas uma renovação na estética literária e um resgate de um saber mítico esquecido. Tudo o que está em jogo no livro está permeado pela política e pelo caráter de denúncia. Em meio a uma gama de episódios fantásticos e narrativas míticas podemos ver algumas das concepções políticas e intelectuais de Carpentier virem à baila.

A utopia de Mackandal. A decepção de Ti Noel

Para nossa análise dos elementos políticos que emergem da narrativa de Carpentier, gostaríamos de resgatar uma antiga distinção entre ideologia e utopia, feita por Karl Mannheim (1976), em texto escrito, originalmente, em 1929. Para Mannheim, tanto a ideologia quanto a utopia partem de ideias que transcendem o contexto social em que se encontram e apontam para uma nova forma de sociedade. Porém, enquanto as ideologias “jamais conseguem de *facto* a realização de seus conteúdos pretendidos”, pois “seus significados, quando incorporados efetivamente à prática são, na maior parte dos casos, deformados”, as utopias “conseguem, através da contra-atividade, transformar a realidade histórica existente em outra realidade, mais de acordo com suas próprias concepções” (Mannheim 1976: 218-219).

Depreende-se, então, que as posturas utópica ou ideológica estão diretamente ligadas à questão da ordem de coisas existente. Em confronto com a ordem vigente, a utopia, necessariamente, precisa romper com ela para instalar uma nova ordem. A ideologia, por outro lado, parece abrir uma espécie de diálogo e acaba por incorporar vários valores do *status quo*, diferenciando-se das utopias ao se tornarem aceitáveis e adequadas à visão de mundo reinante. “Os representantes de uma ordem dada irão

rotular de utópicas todas as concepções de existência que do seu ponto de vista jamais poderão, por princípio, se realizar” (Mannheim 1976:220). Todavia, ideologia e utopia parecem, em certos momentos, se confundir. Entretanto, Mannheim salienta que só se está falando de utopia quando se refere a uma orientação que, quando se torna *práxis*, estremece as estruturas da “ordem das coisas” vigente. Segundo Alves (2005:48):

Como Mannheim muito bem observa, ideias que em certos momentos históricos funcionaram como utopias, ou seja, como instrumentos para o rompimento de uma ordem social dominante, num momento histórico subsequente passaram a funcionar como ideologias, isto é, como instrumentos para a justificação do *status quo*.

Embora certas ideias utópicas tenham sido reprimidas com violência ao longo da história, algumas outras acabaram sendo controladas, para não dizer cooptadas, pelos representantes de uma determinada ordem. Alguns ideais transcendentais e com potencial utópico/revolucionário, ao se transformarem em valores aceitáveis para o *status quo*, tornaram-se impotentes e suas ideias ficaram relegadas ao além-da-história, sem aplicabilidade palpável na realidade intra-histórica. Acabaram por se adequar à cosmovisão da sociedade e do tempo em que se encontravam. “Todos os períodos da história contiveram ideias que transcendiam a ordem existente, sem que, entretanto, exercessem a função de utopias; antes, eram as ideologias adequadas a este estágio de existência” (Mannheim 1976: 217).

Mannheim coloca entre as principais formas de mentalidade utópica a união entre o pensamento milenarista e as demandas das classes oprimidas. A esperança milenarista seria característica das camadas mais desfavorecidas da sociedade. No pensamento de Mannheim, “a utopia milenarista é um corpo de doutrina que tende para um modelo de *millenium* – que se deve realizar num quadro espacial e temporal” (Le Goff 1984:428). Para ele, “a ideia da aurora de um reinado milenar sobre a terra sempre conteve uma tendência revolucionarizante” (Mannheim 1976:235). Entretanto, o termo milenarismo esvaziou-se de seu significado original na historiografia recente, em especial na brasileira. Muitos, vinculando quase que inconscientemente milenarismo ao movimento de Canudos, liga o termo a um tipo específico de movimento, com sua específica composição social, deixando de lado o significado do milênio ansiado ao qual o termo se refere.

Como definir o *milenarismo*? Oriundo da tradição judaico-cristã, de maneira geral, entende-se por milenarismo a crença em um reinado de mil anos de Cristo na terra no final dos tempos. Baseando-se em tal crença, pode-se falar também de uma mentalidade milenarista, aquela que ordena sua visão de mundo e articula sua *práxis* em função desta esperança de sentido final do tempo e da história. Outro conceito que também está relacionado a essa problemática, e muitas vezes utilizado

como sinônimo de milenarismo, é o de *messianismo*. A ideia de messianismo surgiu no contexto judaico, berço da concepção do *messias*. Segundo Queiroz (1976:26), “o messias é o personagem concebido como um guia divino que deve levar o povo eleito ao desenlace natural do desenrolar da história, isto é, à humilhação dos inimigos e ao restabelecimento de um reino terreno e glorioso para Israel”. A implantação de tal reino restaurador marcará o “fim dos tempos”. O messianismo, como o próprio nome diz, está ligado à figura de um messias que “é o personagem cujo movimento é o milenarismo, embora não haja necessariamente personagem e movimento” (Desroche 1985: 54).

A esperança suscitada pelo Milênio engravidou o espírito de muitos. Os milenarismos tiraram o foco escatológico das questões relativas à salvação individual e à vida eterna e o colocaram sobre a vida terrena – com todas as suas dificuldades, alegrias e contradições. As concepções escatológicas perderam o aspecto eminentemente transcendente e, também, eminentemente cristão já que foi “alargado, pelos historiadores das religiões, às crenças sobre o fim do mundo existentes noutras religiões e pelos etnólogos, às crenças das sociedades ditas primitivas relativas a esse domínio” (Le Goff 1984:425). De acordo com Cohn (1970), os movimentos milenaristas teriam alguns pontos em comum em suas crenças sobre a salvação e o destino final da humanidade: 1. Tal salvação teria um caráter *coletivo*, na medida em que seria alcançada pela coletividade dos fiéis; 2. Seria *terrena*, pois realizar-se-ia neste mundo e não em uma dimensão espiritual desconhecida; 3. Seria também *iminente*, pois consumir-se-á em breve e de maneira repentina; 4. *Total*, pois instalará uma nova ordem perfeita, livre das consequências do pecado, e transformará a vida na Terra; e, por fim, 5. *Miraculosa* ou *sobrenatural*, pois será levada a cabo por forças não humanas, seja na condução dos acontecimentos rumo ao propósito divino, seja através de uma intervenção direta e visível da divindade no mundo dos homens. A concretização dessa experiência de salvação e redenção da história dos homens haveria de se iniciar no “reino deste mundo” e não no “reino dos céus”.

Não encontramos maiores dificuldades em classificar o movimento iniciado por Mackandal (tanto o historicamente ocorrido quanto o narrado em *El Reino de este mundo*) como um movimento milenarista. Praticamente todas as características que Cohn coloca podem ser encontradas na mobilização capitaneada pelo mandinga. Como disse Le Goff (1984:449), “nos países colonizados e, mais tarde, descolonizados, o encontro entre civilizações deu origem a um extraordinário florescimento milenarista e messiânico”. A opressão dos brancos, tanto a escravidão quanto a própria aculturação dos negros vindos da África, foi o principal ingrediente para a explosão do movimento no Haiti. No texto de Carpentier, a expectativa de libertação e de felicidade no “reino deste mundo” para os escravos negros se movia entre dois polos. De um lado, havia a contestação dos governantes opressores europeus e seus valores pretensamente superiores. Mackandal, contava as histórias dos incríveis feitos dos reis negros na África:

eram reis, reis de verdade, e não esses soberanos cobertos de cabelos alheios, que jogavam a bola e só sabiam fazer-se de deuses nos cenários de seus teatros da corte (...). Na África, o rei era guerreiro, caçador, juiz e sacerdote (...). No Grande Lá havia príncipes duros como a bigorna, e príncipes que eram o leopardo, e príncipes que conheciam a linguagem das árvores, e príncipes que mandavam sobre os quatro pontos cardeais, donos da nuvem, da semente, do bronze e do fogo (Carpentier 2009: 17-18).

Se de um lado a nostalgia cercava as histórias sobre o “paraíso perdido” dos reinos africanos, por outro, as esperanças em relação ao futuro, eram insufladas por Mackandal que, segundo relata James (2000:34) “era um orador, na opinião de um branco contemporâneo, e com a mesma eloquência dos oradores europeus daqueles dias, diferente apenas na força e no vigor, em que lhes era superior”. Além de sua oratória, a esperança em torno da liderança de Mackandal para acabar com os brancos e criar um grande império de negros livres em São Domingos era alimentada pela crença em seus poderes sobrenaturais e em sua ligação direta com seres transcendentais. Dessa forma, Mackandal se encaixava na definição de messias cunhada por Queiroz (1976). Para essa autora que, apoiando-se numa perspectiva weberiana, trabalhava com um conceito ampliado de messianismo, não mais exclusivo da tradição judaico cristã: “o messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do Paraíso Terrestre, tratando-se, pois, de um líder religioso e social” (Queiroz 1976:27).

A própria religiosidade dos negros, especialmente o vodu, ganhou um colorido profundamente libertador. No romance, Lenormand de Mezy percebeu que “os escravos tinham, pois, uma religião secreta que os alentava e unia suas rebeldias” (Carpentier 2009:63). O antropólogo Vittorio Lanternari confirma que, de fato, o vodu possuía tal caráter revolucionário: “Os escravos fugitivos mantinham livremente os próprios cultos religiosos em seus lugares de refúgio. O Vodu tornava-se desse modo cada vez mais explicitamente uma religião de libertação” (Lanternari 1974:186). Assim ele contrastava com outra religião, a religião do dominador, que colocava o foco no reino dos céus, na salvação da alma, na vida eterna em outro mundo e que via as desigualdades deste mundo como manifestação da vontade divina¹².

No romance de Carpentier os elementos do maravilhoso, dos mitos e das crenças, seriam muito mais significativos na rebelião dos escravos do que as ideias vindas das “luzes europeias”. “Carpentier vincula así los movimientos históricos del siglo con fenómenos que formarían parte de un patrimonio cultural mucho más complejo, como las religiones, la superstición, y la vivencia animista de la naturaleza” (Vázquez 2009:557). Nessa perspectiva, a verdadeira e autêntica utopia americana era a de Mackandal, estava com o espírito de Mackandal. Os passos posteriores do processo revolucionário mostraram, nos termos de Mannheim, o esvaziamento das utopias e

sua transformação em ideologias que mantiveram a injustiça e a escravização de um homem pelo outro no reino deste mundo. A tensão entre a ideologia e a utopia acaba por gerar duas reações diferenciadas na relação entre fé e política. De um lado, “no profetismo e na utopia propõe-se a criação de um novo espaço e de um novo tempo pela negação e abolição do presente (...). A política é, assim, entendida como a ação de demolição e de construção, ou seja, o instrumento de mediação entre o presente e o futuro” (Alves 2005:194). Por outro lado, quando o fervor utópico se arrefece, pode-se cair em uma espiritualidade desvinculada das questões políticas e sociais, enfim, terrenas. Manifesta-se uma total impotência frente aos problemas do mundo. A esperança utópica perde espaço e acaba por passar “as rédeas ao domínio do grupo conservador realista quer sujeitando-se inteiramente, quer retirando-se para algum canto obscuro” (Mannheim 1976:262).

Ti Noel viu o sonho da construção de um grande império dos negros livres na América transformar-se em um pastiche “mal-ajambrado” dos governos e dos ideais dos brancos opressores. Henri Christophe, o rei negro, traiu as expectativas de Ti Noel ao buscar copiar a pompa, ao adotar a religião e a praticar a opressão que eram características dos antigos senhores. Os republicanos – pensamento republicano que, num primeiro momento deveria advogar a liberdade para os negros – eram compostos por uma elite mulata que falava das “luzes” mas, na realidade, ampliaram as trevas com a imposição do trabalho obrigatório. Ao perceber essas mudanças sem transformação, Ti Noel “começava a se desesperar ante esse infundável reviver de cadeias, esse renascer de grilhões, essa proliferação de misérias, que os mais resignados acabavam por aceitar como prova da inutilidade de toda rebeldia” (Carpentier 2009:126). Vendo nas reflexões de Ti Noel um reflexo do próprio pensamento de Carpentier, uma leitura possível das desilusões do personagem é de que, a partir do momento em que os negros passaram a copiar as ideias e os valores dos seus opressores, a tirania se fez presente. A utopia esvaiu-se de significado, transformando-se em uma ideologia a serviço do *status quo* e dos interesses dos mais poderosos.

A revolução de Mackandal possuía outro espírito. Ela não era orientada e motivada por ideias ilustradas do dominador e valores externos à realidade dos escravos. A revolução partia de dentro, impulsionada pela aversão à exploração, pela força do mito, pela religião dos oprimidos. A realidade opressora da escravidão insufla o espírito revolucionário e não as ideias forjadas no clima das luzes europeias. Essas, no fim, acabam por se colocar a serviço de uma realidade ainda mais opressora. A verdadeira revolução teria que surgir na América e nos termos dos próprios oprimidos da América.

A partir da manutenção da utopia de Mackandal é que se poderia quebrar esse ciclo de opressão: “os feitores de Lenormand de Mezy, os guardas de Christophe, os mulatos de agora” (Carpentier 2009:127). Um suposto orgulho de ver um rei negro no trono ou as ideias da revolução francesa vindas do outro lado do oceano não empolgaram os negros. Mas a fé e a esperança no reino prometido por Mackandal

conseguia mobilizá-los e manter aceso o espírito da liberdade definitiva. Por isso, “os escravos da fazenda de Lenormand de Mezy continuavam reverenciando Mackandal. Ti Noel transmitia os relatos do mandinga a seus filhos (...). Bom era recordar sempre o maneta, já que o maneta, afastado destas terras por tarefas importantes, regressaria a elas no momento menos esperado” (Carpentier 2009:52). Como diz Carpentier em seu argumento sobre a realidade do maravilhoso na história americana, “de Mackandal, o americano, (...) ficou toda uma mitologia, acompanhada de hinos mágicos, conservados por todo um povo, que ainda se cantam nas cerimônias do vodu” (Carpentier 2009: 11)¹³. Como um cristo que se faz presente no ato eucarístico, Mackandal se faz presente como o espírito da verdadeira revolução, da verdadeira utopia, toda vez que os negros “em seu nome juram vingança, justiça e liberdade” (Lanternari 1974:186). Através da boca de Mackandal e seus seguidores Carpentier lançava sua crítica à pretensão de superioridade dos projetos e da cultura estrangeira. Contra a pretensa superioridade dos franceses e espanhóis de outrora e dos norte-americanos de seu tempo. Contra a pretensa superioridade dos colonizadores e dos “neo-colonizadores” da América.

Portanto, observamos em *El reino de este mundo* uma tentativa de Carpentier de contar a história da América a partir do ponto de vista e das crenças dos oprimidos. Uma história que não é contada pelo colonizador ou influenciada por sua percepção da história. De fato, uma história descolonizadora. Ao longo da obra, podemos ver: suas críticas ao regime colonial e à colonização de corpos e mentes; a defesa do pensamento e da cultura americanos por excelência em contraposição à importação de modelos e ideias vindas do opressor estrangeiro; o interesse na cultura, arte e religião dos negros; e, também, o engajamento e a atribuição de um papel revolucionário à literatura, que se somaria à “essência revolucionária” americana. A denúncia da vida real é a única forma, segundo Carpentier, de dar à literatura um papel social que vise à transformação do mundo, uma utilidade em nome do “grande trabalho do homem sobre esta terra [que] consiste em querer melhorar o que é” (Fagundes 2008:85).

Considerações finais: as idas e vindas do reino

Carpentier escreveu *El reino de este mundo* em um período no qual o mundo começava a refletir se a sociedade moderna do início do século XX e seus valores eram, de fato, o ápice da civilização ocidental. Para alguns, a decepção com a modernidade capitalista, decepção alimentada pelas duas grandes guerras, inspirava o reacender de uma proposta de utopia, uma nova esperança em relação à construção de um reino de justiça e felicidade aqui, no reino deste mundo. Um dos que levantou a bandeira da utopia foi o filósofo marxista alemão Ernst Bloch. Para Bloch, a esperança havia renascido nas asas da revolução russa de 1917. A revolução abriu as portas para a reentrada da utopia no mundo ocidental. A desigualdade e a opressão do “reino presente” (o ocidente capitalista) mantinham vivo o espírito da esperança na subversão

da atual ordem “maligna”. A união entre “marxismo e sonho do incondicional no mesmo passo e na mesma cruzada” surgia como uma força vital para a “reconstrução do planeta terra e vocação, criação, conquista do Reino. (...) Agora tem que ser o tempo do Reino e para lá se dirigem os raios do nosso espírito, nunca de omissão e nunca decepcionado” (Bloch 1973:207).

O espírito da esperança de Bloch era sustentado por uma constante e permanentemente revolta contra a injustiça e o sofrimento dos pobres e oprimidos. “A razão da esperança reside, para ele, desde o começo, na profundidade inesgotável do instante experimentado no presente” (Moltmann 2003:49). Bloch advogava uma redenção dentro da história. Acontece a laicização do milenarismo dentro da teoria marxista¹⁴. A sociedade sem classes pregada pelo grupo portador do espírito messiânico – a classe operária – serve como padrão de julgamento e comparação para se reinterpretar o passado e o presente, marcados pela injustiça e pela opressão característica da luta de classes. Segundo Moltmann (2005:435), para Bloch, nessa sociedade futura, livre dos antagonismos de classe, que ele chama de “pátria da identidade”, as contradições estarão resolvidas “a) entre o eu e o ser pessoal do ser humano, b) entre o indivíduo e a sociedade, c) entre a humanidade toda e a natureza” (Moltmann 2005:435).

Se Carpentier chegou a entrar em contato com a obra de Ernst Bloch – que escreveu *Espírito da Utopia* em 1918 e os três volumes de *Princípio Esperança* entre 1954 e 1959 – para nós permanece uma incógnita. Mas o pensamento do Carpentier de 1948 se apresenta menos esperançoso que a utopia radical de Bloch. Mas isso não quer dizer que se tratasse de um pensamento resignado e desiludido. Muito pelo contrário. Seu pensamento e sua obra sempre permaneceram ancorados na realidade e ele acreditava no potencial revolucionário da literatura, em especial dos literatos – bem como de toda intelectualidade latino-americana - em querer melhorar o que é. De certa forma, Carpentier via o espírito de Mackandal vivo no Caribe. E os fatos que ocorreram a partir da segunda metade do século XX, após a publicação de *El reino de este mundo*, só vieram a aumentar a sua esperança no advento da justiça e da liberdade na América Latina.

A revolução cubana de 1959 colocou “lenha na fogueira” das esperanças da intelectualidade latino-americana de esquerda. O Caribe tornou-se o epicentro de um movimento de expansão dos ideais socialistas e de resistência ao imperialismo ocidental, em especial norte-americano. “Depois da Revolução em Cuba, a independência da Jamaica e Trinidad-Tobago em 1962 e Guiana e Barbados em 1966, tiveram a importância de colocar o Caribe dentro da geografia mundial da resistência ao imperialismo e da descolonização” (Ramos 2008:461). O presente revolucionário transformou-se em lente para se reinterpretar o passado. Criou-se uma memória de um Caribe revolucionário e anti-imperialista “desde sempre”.

Alejo Carpentier foi um dos intelectuais que abraçou a revolução cubana como um marco na história caribenha e como um momento de fervor utópico-revolucionário que fazia renascer o espírito que Ti Noel vira esvaír-se durante o processo

revolucionário no Haiti: o espírito de resistência à opressão e à colonização. Algo havia realmente ocorrido no sentido de melhorar o que já é. Sinais de justiça e felicidade no reino deste mundo se faziam notórios. “Cuba se tornou algo como o futuro no presente dos demais países caribenhos e latino-americanos” (Ramos 2008:461). A utopia de Mackandal estava viva!

Cuba tornou-se o projeto utópico da intelectualidade latino-americana e a “musa inspiradora” para todos os sonhos de construção de uma América Latina livre, justa e revolucionária. Mas, para alguns, o “momento Ti Noel” havia chegado. O Caso Padilla¹⁵ jogou um balde de água fria na empolgação de muitos intelectuais que apoiavam o regime. No “racha” ocorrido, Carpentier permaneceu fiel ao governo cubano e o defendeu até seu falecimento em 1980. Para muitos, Carpentier e outros intelectuais teriam caído no “pecado” do milenarismo presente: a crença no caráter definitivo e paradigmático da revolução cubana teria cegado ou feito com que eles passassem da utopia para um pensamento ideológico, nos termos de Mannheim, que legitimava a opressão, a censura e cerceava as liberdades. Esse não poderia ser o reino.

Mas será que Carpentier em algum momento pensou que o reino perfeito chegaria? Não seriam os avanços feitos pela revolução cubana uma forma de melhorar o que é? Não nos cabe julgá-lo. Só nos resta, para finalizar, ter nosso breve momento de reflexão à *la* Ti Noel. Talvez a grande tristeza ou o grande “pecado” não seja a esperança frustrada. Se tal esperança não realizada mantém seu espírito vivo na fé daqueles que a professam, nem a fogueira poderia extingui-la, assim como não conseguiu extinguir a utopia de Mackandal. Aqui entra, para finalizar, o que Rubem Alves (2005: 194) chamou de perspectiva profética, segundo a qual seria “necessário crer-se na redenção da história e impossível afirmá-la como realidade presente. A redenção é um horizonte do futuro”. Tal perspectiva seria um antídoto tanto para os pessimismos quanto para a crença enganosa de que o presente contém o que pode haver de melhor.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. (2005), *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola.
- BERGH, Klaus Müller. (2006), El prólogo a El reino de este mundo de Alejo Carpentier (1904-1980): apuntes para um centenário. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, Vol. 54, nº 2: 489-522.
- BETTO, Frei. (2006), Cristianismo e marxismo. In. LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. 2ª Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: 515-519.
- BLOCH, Ernst. (1973), *Thomas Münzer: teólogo da revolução*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- BRAGANÇA, Maurício de. (2008), Entre o boom e o pós-boom: dilemas de uma historiografia literária latino-americana. *IPOTESI*, nº 1: 119-125.
- CARPENTIER, Alejo. (1976), *El reino de este mundo*. 6ª Ed. Barcelona: Seix Barral.
- CARPENTIER, Alejo. (2009), Prólogo. In. CARPENTIER, Alejo. *O reino deste mundo*. São Paulo: Martins Fontes: 7-12.
- CHIAMPI, Irlomar. (1980), *O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva.

- COHN, Norman. (1970), *The pursuit of the millenium*. New York, Oxford University Press.
- DALMOSO, Flávia Freire. (2014), *Vodu. Teoria e cultura*, Vol. 9: 87-89.
- DARNTON, Robert. (2005), Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras.
- DESROCHE, Henri. (1985), *Sociologia da esperança*. São Paulo: Paulinas.
- ECHEVARRÍA, Roberto González. (1985), Introducción. In. CARPENTIER, Alejo. *Los pasos perdidos*. Madrid: Ediciones Cátedra: 15-53.
- ELIADE, Mircea. (1972) *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva.
- FAGUNDES, Marcelo Gonzalez Brasil. (2008), *Intenções literárias: política e história em Alejo Carpentier*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em História, UFSC.
- FELIPPE, Eduardo Ferraz. (2013), *A resignação de Sísifo: tradição, cultura política e história na obra do moderno vetusto Alejo Carpentier (1928-1980)*. São Paulo: Tese de Doutorado em História, USP.
- GILMAN, Claudia. (2003), *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- JAMES, C. L. R. (2000), *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo.
- JOZEF, Bella. (2005), Carpentier: ideologia e estética da história. *Comunicação e política*, Vol. 23, nº 1: 217-228.
- LANTERNARI, Vittorio. (1974), *As religiões dos oprimidos*. São Paulo: Perspectiva.
- LE GOFF, Jacques. (1984), Escatologia. In. *Enciclopédia Einaudi: vol. I - memória - história*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda: 425-457.
- MANNHEIM, Karl. (1976), A mentalidade utópica. In. MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores: 216-285.
- MELO, Carlos Augusto. (2010), Alejo Carpentier e sua “viagem interior” pela selva americana. *Ráido* (Dourados), Vol, 4, nº 7: 93-104.
- MOLTMANN, Jürgen. (2005), *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã*. 3ª Ed. São Paulo: Teológica/Loyola.
- MOLTMANN, Jürgen. (2003), *A vinda de Deus: escatologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. (1976), *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2ª Ed. São Paulo: Alfa-Omega.
- RAMOS, Dernalven Venâncio. (2008), A invenção do Caribe como contracultura e a revolução cubana. *Revista Brasileira do Caribe*. Vol. 8, nº 16: 459-471.
- SCHMITT, Jean-Claude. (2014), *O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo: ensayos de antropología medieval*. Petrópolis: Vozes.
- SOSNOWSKI, Saúl. (1993), La “nueva novela hispanoamericana: ruptura y “nueva” tradición. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Vol. 3. São Paulo: Memorial; Campinas, UNICAMP: 393-413.
- VÁZQUEZ, Eduardo San José. (2009), Funciones simbólicas de La luz em El reino de este mundo, de Alejo Carpentier. *The bulletin of hispanic studies*, Vol. 86, nº 4: 555-563.
- VIEIRA, Felipe de Paula Góis. (2014), Alejo Carpentier: um escritor em busca da América. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, Vol. 17: 107-138.

Notas

- 1 Na bibliografia consultada, o nome de Mackandal aparece com diferentes grafias (Macandal, Makandal ou Mackandal). Optamos por utilizar Mackandal neste texto por ser a forma que Carpentier utiliza.
- 2 Sobre a trajetória intelectual e política de Carpentier, ver: ECHEVARRÍA, Roberto González. (1985), Introducción. In. CARPENTIER, Alejo. *Los pasos perdidos*. Madrid: Ediciones Cátedra: 15-53; FELIPPE, Eduardo Ferraz.

- (2013), *A resignação de Sísifo*: tradição, cultura política e história na obra do moderno vetusto Alejo Carpentier (1928-1980). São Paulo: Tese de Doutorado em História, USP.
- 3 Para um panorama mais aprofundado sobre a história cubana das primeiras décadas do século XX, ver: GOTT, Richard. *A República cubana, 1902-1952*. In: GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006: 134-165.
 - 4 Disponível em: < http://www.cubaliteraria.cu/monografia/grupo_minorista/declaracion.html>. Acessado em 06/12/2017.
 - 5 Referência à sua fuga de Cuba e ao exílio na França após sua prisão e perseguição durante o governo de Machado.
 - 6 É importante ressaltar a importância dos movimentos artísticos e intelectuais das décadas de 1920 e 1930 e que são extremamente relevantes para se compreender o “pano de fundo” político e cultural da produção de Alejo Carpentier. Sobre esse tema ver: SCHWARTZ, Jorge. (1995), *Vanguardas latino-americanas*. Polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Edusp. Também são relevantes os movimentos e pensadores caribenhos, entre eles Aimé Césaire, que, contemporâneos de Carpentier, também se dedicaram à discussão de uma identidade caribenha, da questão racial e do anti-imperialismo. Cf. OYAMA, Maria Helena Valentim Duca. (2009), *O Haiti como locus ficcional da identidade caribenha*: olhares transnacionais em Carpentier, Césaire e Glissant. Niterói: Tese de Doutorado em Letras, UFF.
 - 7 Na obra, Mackandal, assim como Ti Noel, era escravo de Lenormand de Mezy.
 - 8 Para melhor fluência do texto, optamos por utilizar as citações de *El reino de este mundo* da versão traduzido para o português por Marcelo Tápia e publicado pela editora Martins Fontes – CARPENTIER, Alejo. (2009), *O reino deste mundo*. São Paulo: Martins Fontes. A tradução é coerente com a versão em espanhol consultada para a confecção do artigo – CARPENTIER, Alejo. (1976), *El reino de este mundo*. 6ª Ed. Barcelona: Seix Barral.
 - 9 Leclerc veio a falecer em 1802, vítima da febre amarela.
 - 10 Em algumas partes, há uma semelhança muito grande entre os relatos de Carpentier e o trabalho seminal de C. L. R. James, *Os jacobinos negros*, escrito originalmente em 1938. Perceba-se, por exemplo, caracterização de Mackandal nos dois autores: segundo Carpentier (2009: 21) “o mandinga exercia uma estranha fascinação sobre Ti Noel. Era corrente que sua voz grave e surda conseguia tudo das negras. E que seus artifícios de narrador, caracterizando os personagens com caretas terríveis, impunham o silêncio aos homens (...)”. Já James (2000: 35) relata que Mackandal “dizia poder prever o futuro; como Maomé, teve revelações; convenceu seus seguidores de que era imortal e exercia sobre eles um tal domínio que consideravam uma honra servi-lo de joelhos. As mulheres mais formosas brigavam pelo privilégio de serem admitidas em seu leito”. Embora seja provável que Carpentier tenha entrado em contato com a obra de James, não encontramos nenhuma referência que nos permita fazer tal afirmação.
 - 11 Sobre a noção de realismo maravilhoso desenvolvida no prólogo de Carpentier, ver os textos de Irlemar Chiampí (1980) e o de Klaus Müller Bergh (2006) citados na bibliografia deste artigo.
 - 12 Ao falar sobre o foco no Reino dos Céus, Carpentier parece ter em mente alguns grupos cristãos que passaram a dar maior ênfase a uma forma de fé em que o Messias não traria solução para os problemas intra-históricos, mas apenas salvaria as almas, e a justiça seria feita no pós-histórico Dia do Juízo. “Vemos o céu tornar-se cada vez mais o objetivo essencial e acentuar-se a oposição entre dois séculos: o presente, cheio de males e provações, e o futuro, renovação do paraíso original. O mundo presente pertence a Satã. O mundo futuro pertencerá a Deus.” (Le Goff 1984: 439).
 - 13 Aqui, mais uma vez, o argumento de Carpentier é confirmado pela pesquisa de Lanternari (1974: 186): “A tradição popular se apoderou logo da figura de Makandal, cujo nome foi inscrito no texto das invocações do rito Vodú (...). Difunde-se então, por processo espontâneo, um mito sobre a morte de Makandal. Makandal, no momento em que as chamas da fogueira estavam para fazê-lo sucumbir, teria sido possuído por um Loa. Em tal estado de possessão, lançando um grito agudo ele se teria livrado das amarras e conseguido fugir e salvar-se”.
 - 14 Segundo Frei Betto (2006: 519), “marxistas e cristãos têm mais arquétipos em comum do que supõe a nossa vã filosofia. Um deles é a utopia da felicidade humana no futuro histórico (...). Marx chama esta plenitude de reino da liberdade e, os cristãos, de reino de Deus”.
 - 15 Bragança (2008: 125) resume bem o que foi o episódio: “Em 1968, o Sindicato de Escritores Cubanos outorga um prêmio ao escritor Heberto Padilla pelo livro *Fuera de juego*. Uma posterior leitura desta obra apontava uma posição demasiado crítica à Revolução, o que acabou levando o poeta à prisão em 1971 e uma indicação do governo de Fidel que se retratasse publicamente de suas críticas. Contra sua detenção se manifesta de imediato a inteligência internacional: Sartre, Simone de Beauvoir, Octavio Paz, Julio Cortázar, Marguerite Duras, Italo Calvino, Susan Sontag, Jean Genet, García Márquez, Severo Sarduy, Vargas Llosa, Carlos Fuentes, José Donoso e uma série de outras personalidades intelectuais. Esse foi o primeiro estremeamento com a Revolução e, apesar de uma grande parte destes nomes continuar apoiando o projeto castrista, o Caso Padilla acabou por se configurar também como um primeiro racha neste grupo de intelectuais com relação ao apoio à ilha”.

Submetido em: 25/05/2018

Aceito em: 31/12/2018

Daniel Rocha(danielrochabh@yahoo.com.br)

Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Professor do curso de teologia do Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA).

Resumo:

Sob o encanto de Mackandal: utopia, milenarismo e revolução em *El Reino de Este Mundo* de Alejo Carpentier

Este artigo faz uma reflexão sobre as relações entre perspectivas políticas e expectativas milenaristas na obra *El reino de este mundo* (1949) de Alejo Carpentier. Inicialmente, identificamos alguns elementos políticos e culturais que influenciaram Carpentier no período anterior à publicação de *El reino de este mundo*. Na sequência, apresentamos um esboço da obra e analisamos as relações entre mito e história no texto. Finalmente, partindo de uma perspectiva comparativa entre os três processos político-revolucionários apresentados no livro (a rebelião de Mackandal, a monarquia de Henri Christophe e a república dos mulatos), buscaremos apresentar o movimento milenarista de Mackandal como o único de fato utópico e revolucionário, que, mesmo fracassando, continuou a engravidar de esperanças o espírito dos oprimidos do Haiti.

Palavras-chave: milenarismo, literatura latino-americana, Haiti, escatologia.

Abstract:

Under Mackandal's spell: *utopia*, millennialism and revolution in Alejo Carpentier's *The Kingdom of this World*

This article makes a reflection on the relations between political perspectives and millenarian expectations in Alejo Carpentier's *The kingdom of this world* (1949). Initially, we identified some political and cultural elements that influenced Carpentier in the period prior to the publication of *The Kingdom of This World*. In the sequence, we present a sketch of the work and analyze the relations between myth and history in the text. Finally, starting from a comparative perspective between the three political-revolutionary processes presented in the book (the rebellion of Mackandal, the monarchy of Henri Christophe and the mulatto republic), we will try to present the millenarian movement of Mackandal as the only one in fact utopian and revolutionary, which, even if it failed, continued to impregnate with hope the spirit of the oppressed in Haiti.

Keywords: millennialism, latin american literature, Haiti, eschatology.